



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PADRE BENJAMIM  
SALGADO



AGRUPAMENTO DE  
ESCOLAS PADRE  
BENJAMIM  
SALGADO  
JOANE

# “O oleão chegou ao bairro...”



Texto coletivo escrito e ilustrado  
pelos alunos do 2.º ano de escolaridade  
da turma **EBJ2B**  
da Escola Básica de Joane



Era uma vez um bairro muito calmo e florido, chamado Bairro das Magnólias. Lá viviam famílias felizes, amigos inseparáveis e animais bem tratados. Todos se ajudavam, gostavam de aprender e conviver juntos. Era uma verdadeira comunidade.

Como em todos os bairros dos nossos dias, também o das Magnólias tinha contentores de recolha de lixo e ecopontos, que estavam espalhados pelas ruas. Os habitantes do bairro foram habituados a separar o lixo e todos sabem o que colocar em cada local.

O João, um menino esperto, inteligente e carinhoso, dizia muitas vezes à sua mãe:

- Mãe, nunca te esqueças de separar o lixo. No saco azul colocas o papel e cartão. No amarelo, o metal e as embalagens. No verde, é o vidro. No vermelho, são as pilhas e as baterias. O restante lixo, o doméstico, vai para o contentor castanho ou cinzento ou verde-escuro.

O João repetia estas palavras a toda a sua família e amigos. Na escola ele aprendeu que ao contentor azul chamamos papelão, o amarelo é o embalão, o verde é o vidrão e o vermelho é o pilhão.

Tal como o João, todas as crianças do Bairro das Magnólias sabiam de cor e salteado as palavras ditas por ele tantas vezes. No final do dia ou nos fins-de-semana era comum ver-se crianças a acompanharem os pais aos ecopontos, divertidos e muito responsáveis a descrever o que iam fazendo, à medida que colocavam uma embalagem ou uma garrafa ou um jornal. No bairro nunca se viu lixo no chão, porque as pessoas só deitavam o lixo nos caixotes. Era um bairro limpo, um bairro de sonho!





Num domingo de verão, em que o calor apertava, o João, a sua irmã Margarida e os seus pais foram à praia, que ficava próximo do Bairro das Magnólias. Lá, brincaram, foram ao mar, correram e fizeram castelos de areia. Mas... numa das corridas pela praia, o João encontrou uma garrafa de óleo. Açou estranho e pegou nela. Olhou-a, viu que estava suja e já um pouco amachucada. Pensou: “Porque estará uma garrafa destas aqui? Como terá vindo cá parar?”. De repente, ouviu uma voz:

- Olá! Que bom que alguém me viu! Estava cansada de ser empurrada pelas ondas do mar para dentro e para fora! Parece que ando perdida, à deriva, sem dono e sem lar!

O João assustou-se. Açou estranho a voz vir da garrafa! Mas vinha. Na verdade a garrafa estava a falar com ele. Estranhamente, o João respondeu-lhe:

- Olá! Estás triste por estares aqui sozinha, é?

- Sim, estou triste por estar sozinha e por estar aqui. – disse a garrafa.

- Estás triste por estares aqui, num sítio tão bonito, que eu tanto adoro? – questionou o João.

- Estou, pois! O meu lugar não é aqui. Eu estou muito triste por estar a destruir a paisagem, por ter passado pelas águas do mar e as ter poluído e por não me terem dado um lugar confortável, junto com a minha família para viver. – respondeu a garrafa.

- Em primeiro lugar, vou apresentar-me, porque estamos aqui a conversar e eu ainda não disse o meu nome e também não sei o teu. Eu sou o João, e tu? – perguntou o João.

- Tens um nome bonito. Eu sou a garrafa Girassol. Queres ser meu amigo?

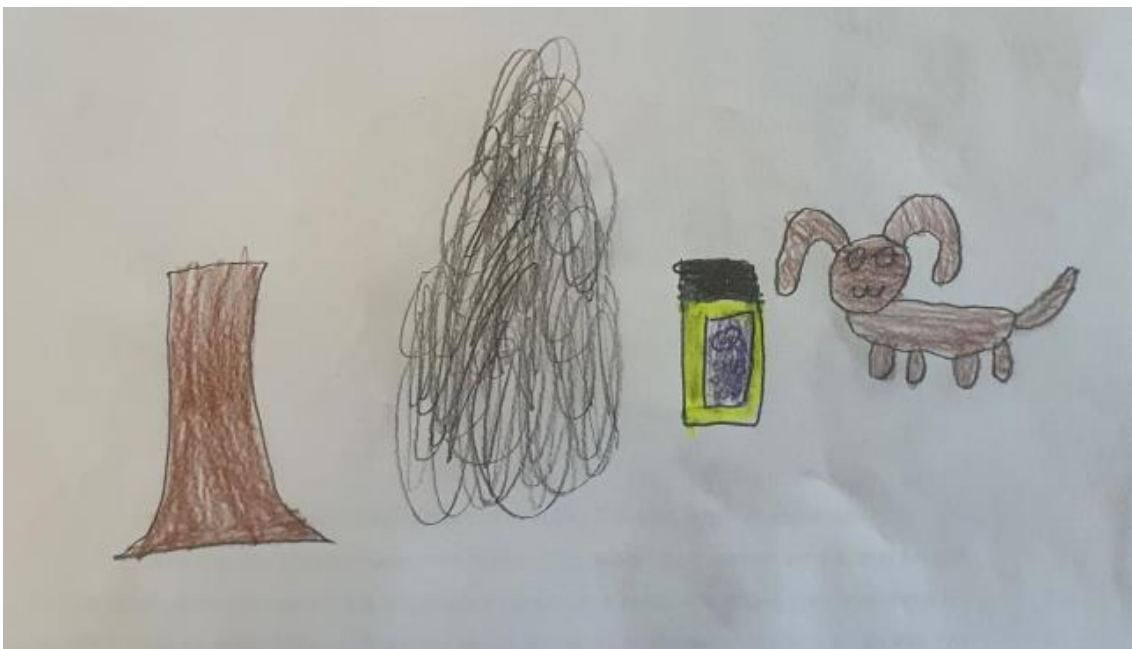
- Claro que quero. E também te quero ajudar. Não sei como, mas se eu puder ajudar.





Então, a Girassol, abriu os olhos, olhou nos olhos do João e começou a contar-lhe a sua história:

- Eu nasci numa empresa chamada Sovena, que faz óleo e o embala em milhares de garrafas iguais a mim. Essa empresa cultiva sementes e grãos e depois transformam-nos em óleos que garantem a sustentabilidade da alimentação. Por isso, os óleos vegetais que produzem são fonte de vitamina e ácidos gordos essenciais, que contribuem para uma alimentação variada e equilibrada, que o corpo humano não consegue produzir sozinho e que ajuda na saúde das pessoas. No entanto, nem toda a gente dá um fim correto a embalagens como eu. Depois de sair da fábrica, fui num grande camião para o supermercado. Lá estive pouco tempo. Fui comprada por uma senhora que utilizou o meu conteúdo para cozinhar e fazer bolos. Mas, quando me esvaziou, voltou a encher-me com óleo usado, sujo e malcheiroso. Ela não sabia onde me colocar. Então, como teve dúvidas, colocou-me junto com o lixo comum. Fui parar a uma grande lixeira, onde havia cães abandonados. Pedi a um deles que me tirasse dali, pois estava ao sol e cheia de calor, quase a sentir-me a fritar. O cão, que se chamava Bob, levou-me para o seu esconderijo, dentro de um tronco de árvore abandonado. Lá fui feliz. Senti-me acompanhada. Tinha com quem conversar e estava resguardada, sem poluir.





- Mas, como da casa do Bob vieste cá parar? – perguntou o João.

- Pois, tens razão. A história ainda não acabou. Numa noite de tempestade, o Bob não voltou. Eu estava muito assustada, porque a água da chuva invadiu o tronco e eu comecei a flutuar. Foi assim que começou uma longa, alucinante e tortuosa aventura, que eu mal podia imaginar aquilo que me iria acontecer. Com a força das águas, eu fui arrastada para fora do tronco, calcorreei por campos, montes e vales e, por fim, fui ter a um riacho. Aí, tudo foi mais calmo. A chuva tinha parado e as águas estavam tranquilas. A certa altura, o riacho parecia mais largo e a força das águas já me empurravam com mais velocidade. Nessa altura, estranhei, mas ainda assim pensei que provavelmente estava num parque de diversões a andar de escorrega. No entanto, instantes depois, bati violentamente numa rocha, fiquei esmagada e a minha tampa saltou. O óleo que trazia começou a sair, entrou água e à minha volta ficou um manto escuro brilhante. As águas continuaram a empurrar-me e eu deslocava-me aos reboções, deixando para trás um rasto de óleo que ia saindo de dentro de mim. Sentia-me aborrecida, porque nunca foi minha intenção poluir a água do rio. À medida que ia caminhando ia chorando de tristeza pelo que estava acontecer, mas também, porque talvez já estivesse com saudades do meu amigo Bob.



- Que chato, Girassol! Imagino a tua frustração... E depois, o que te aconteceu?

- Ainda no rio, acho que passaram muitos dias, não sei bem quanto tempo, mas sei que foi muito, porque eu sentia-me esgotada, amarrotada e perdida, até que, uma leveza me fez vir à tona da água. Talvez a força das águas do rio ao se encontrarem com as do mar me tenham elevado. Sim, porque eu percebi logo que uma extensão enorme de água estava à minha volta. Era uma imensidão que só me deixava ver água brilhante como prata até à linha



do horizonte. Calmamente, fui conduzida até ao mar. A força das ondas levou-me até ao mar alto. Apesar de tranquilo e bonito, aquele local era-me totalmente desconhecido, muito estranho e misterioso. Sentia-me muito solitária e triste, pois naquele local eu não via nada nem ninguém. Acho que por desespero gritei: “Socorro! Socorro! Ajudem-me a encontrar um local onde seja feliz!”. Ninguém aparecia e eu ficava cada vez mais triste e desanimada. A certa altura, vi lá longe um cardume, de peixes prateados, felizes, mexidos e muito brilhantes. Chamei logo por eles, mas nenhum se aproximou. Noutra dia uma família de golfinhos nadou, brincou, mergulhou e saltou próximo de mim. Chamei por eles, mas também não se aproximaram. Ninguém vinha ter comigo... Depois de pensar, cheguei à conclusão que à minha volta havia restos de óleo e que isso fazia com que nenhum ser vivo se aproximasse. Então, a partir daí a minha tristeza duplicou. Parece que vivia num buraco negro sem fim.

- Que triste a tua história. Nunca pensei que um pequeno resto de óleo pudesse poluir assim tanto a água do mar!

- Sim, é verdade. Um litro de óleo é suficiente para poluir cerca de um milhão de litros de água. É um problema muito grave que o Planeta Terra está a passar na atualidade. – disse a Girassol.

- E então, depois, imagino que com a força das ondas tenhas vindo parar a esta praia. - deduziu o João.

- Sim, é verdade. Quando desmotivei de vez, fiquei sem energia e as ondas trouxeram-me até aqui. Estive sozinha até tu vires ter comigo e eu poder conversar com alguém. – suspirou a Girassol.

Depois de ter ouvido toda a história de Girassol, João decidiu que a ia ajudar. Mas não sabia como. Então, perguntou-lhe:

- Girassol, eu quero ajudar-te. Quero levar-te para um local onde possas ser reciclada. No meu bairro há um embalão, ecoponto amarelo, onde te posso colocar. É lá que coloco as embalagens de plástico. Acho que lá irias encontrar garrafas parecidas contigo e irias ter uma vida mais útil e feliz.

- Que bom, João. Acho que se me levares será o dia mais feliz da minha vida! – sorriu entusiasmada a Girassol.

- Vou conversar com os meus pais e pedir-lhes para te levarmos connosco.

- Obrigada, João. Mas, diz-me uma coisa, lá no teu bairro têm oleão? – questionou a Girassol.



- O que é um oleão? – perguntou o João.

- O oleão é um equipamento de recolha seletiva destinado a óleos alimentares domésticos (OAU). Pode colocar-se em áreas protegidas, tanto no interior como no exterior, sobretudo junto às ilhas de ecopontos. A cor mais utilizada para os oleões, a nível europeu, é o cor-de-laranja. Em Portugal, a Prio, empresa de combustível, tem oleões de recolha de óleo usado. Eles são azuis e existem simples ou avançados. Os simples existem nos postos Prio e em ruas de algumas freguesias, onde as pessoas depositam as garrafas de óleo que trazem de casa. Os avançados existem nos postos Prio e recolhem mini oleões verdes que as pessoas podem ter em suas casas de forma gratuita, onde vão colocando o óleo usado. A Prio recolhe o OAU quando o oleão está cheio de garrafas, substituindo-o por um vazio, e posteriormente trata o óleo para reciclagem, sendo transformado em biodiesel e sabão, protegendo desta forma o ambiente, uma vez que o envio de óleo pelas canalizações resulta no bloqueio das mesmas e na poluição da água.



- Isso é fantástico, Girassol. Adorava ter um no meu bairro! Logo que chegemos a casa vou pedir ao meu pai que fale com o presidente da junta e lhe peça um oleão para o nosso bairro. Ou talvez possa pedir à Prio...

- Sim, a Prio pode ajudar! – disse Girassol!

- Então vamos rápido para casa para o meu pai poder ajudar-nos.

O João pediu aos pais para levar Girassol com ele e colocá-la no ecoponto amarelo, pois era esse o seu desejo. Claro que os pais concordaram. Pelo caminho, João disse aos seus pais que havia oleões da Prio onde poderiam ser colocados os óleos usados para que não



continuassem a poluir a água do planeta. O pai disse logo que iria enviar um e-mail à Prio a solicitar um para o seu bairro, informando que lá as pessoas estão muito sensibilizadas para a separação do lixo e que seria uma mais-valia terem a possibilidade de contribuírem para a proteção do ambiente.

Quando chegaram ao bairro, dirigiram-se para os ecopontos e o João colocou a Girassol no embalão. Ele prometeu-lhe que iria conseguir um oleão para o bairro e ela despediu-se muito feliz porque iria finalmente poder encontrar-se com outras garrafas e ter um fim sustentável.



Já dentro do ecoponto, Girassol sentiu-se mais protegida e segura. Foi lá que acabou por fazer grandes amizades com outras garrafas que tinham tido a mesma sorte que ela, pois tinham sido lá depositadas por pessoas que faziam tudo o que estava ao seu alcance para preservarem o meio ambiente.

- Estou tão feliz por vos ter encontrado, meus queridos amigos, nem imaginam como me sentia triste e abandonada num local tão estranho, misterioso e triste. – disse a Girassol aos seus novos amigos.

- Nós também estamos muito contentes por termos feito uma nova amiga, podes contar connosco sempre que precisares de ajuda. – afirmou um dos seus novos amigos.







Entretanto, o pai do João já tinha enviado o e-mail e passado poucos dias foi contactado pela Prio, que o informou que já tinham falado com o Presidente da Junta e da Câmara e que ainda no final dessa semana iriam colocar um oleão junto aos outros ecopontos no Bairro das Magnólias. O João, quando soube da notícia, ficou tão orgulhoso do seu contributo que mal podia esperar pelo dia em que o oleão chegaria!

Quanto à Girassol, a sua viagem foi longa! Passou por uma máquina que fazia barulhos estranhos e ensurdecedores e que a deixou cair dentro de um camião. Ela ficou assustada com o sucedido, mas acabou por perceber que aquela situação era normal, pois tinha sido resgatada por senhores que a iria transportar para um lugar mais seguro onde iria sofrer alterações no seu aspeto e mudar completamente de visual. Ao compreender as boas intenções dos tais senhores que a tinham resgatado, a Girassol ficou tranquila e muito entusiasmada, porque iria ter uma nova vida que lhe parecia muito promissora e feliz. Já na estação de triagem, tanto Girassol como todas as garrafas foram colocadas juntamente com outras que lá se encontravam, foram compactadas e, mais tarde, foram finalmente enviadas para uma indústria recicladora onde iriam sofrer novas alterações que as iriam deixar irreconhecíveis. O entusiasmo de Girassol era evidente, pois aguardava ansiosamente para ver a sua transformação final. Nessa fábrica, gostou especialmente do tratamento que lhe foi dado, sentindo até que se encontrava a fazer um tratamento de beleza num SPA! Tudo não passara afinal de um processo de rejuvenescimento, ou seja, a Girassol foi derretida e transformada em revestimento para paredes. Depois de todo esse processo, ficou imensamente feliz ao constatar que tinha tido a sorte de ser transformada no revestimento de uma parede de uma escola, onde se divertiu e aprendeu imenso!





Enquanto tudo isto acontecia com Girassol, o João foi o primeiro a chegar aos ecopontos, no dia em que o camião da Prio trouxe o oleão. Durante a semana, João falou com as pessoas do bairro, explicou-lhes que iriam ter um novo amigo e que poderiam ir guardando o óleo alimentar doméstico usado em garrafas que, quando cheias, as colocariam no oleão. Logo que o oleão “atterrou” em solo firme, já o João trazia na mão uma garrafa com óleo usado e a colocou abrindo a tampa do oleão. Atrás de si, já outros habitantes do bairro chegavam entusiasmados trazendo também garrafas cheias de óleo usado. Ao abrir e fechar a tampa do oleão, parecia que ele sorria e agradecia cada depósito lá colocado.



Tal como com os outros ecopontos, também com o oleão as pessoas do bairro se sentiam apoiadas e que contribuíam a cada dia e em cada depósito para a sustentabilidade do Planeta Terra! O lema foi e sempre será: “A reciclagem é a única forma de dar um verdadeiro fim ao lixo que produzimos.”

FIM!